

4 O inventário do tempo

E há que ser assim, posto que narrar o tempo não pode envolver a pretensão de encerrá-lo nos limites da obra escrita, e sim assumi-lo como meio, em que se transita e em relação ao qual o começo e o fim não são instantes absolutos, mas, respectivamente paisagem de origem e nostalgia de completude ¹

Como inventariar o tempo? Como perceber o que se passou e como se passou?

“O inventário do tempo” é um capítulo que procura fazer um balanço das relações sociais estabelecidas e evidenciadas no diário, vendo o mesmo como um documento capaz de testemunhar e evidenciar o microcosmo de relações afetivas.

Segundo Ângela de Castro Gomes (2004) o conceito de lugar de sociabilidade é entendido como espaço de constituição de uma rede organizacional, formal, e, como um microcosmo de relações afetivas.

O diário de Joaquim de Sampaio Ferraz, por seu caráter, permite reconstruir as redes de sociabilidade e solidariedade estabelecidas ao longo de sessenta anos. Reflete o mundo deste homem introvertido, descrito do seu gabinete de trabalho, leitura e pesquisa. Reflete o desenvolvimento dos laços de amizade e de parentesco de alguém que viveu por escrito, que registrou o tempo e que buscou controlar sua passagem. Reflete, finalmente, as regras que ordenavam a sociedade do seu tempo, onde as visitas eram freqüentes e submetidas às regras de etiqueta.

A etiqueta, os códigos de bom-tom estimulavam vínculos, o chamado *círculo de relações*. As exigências da polidez às quais nenhuma civilização moderna escapava estavam muito evidentes nas situações descritas no diário, mas, sobretudo, na própria forma de escrevê-lo.

J.I.Roquette considera em seu código do Bom-Tom ou Regras da Civilidade e de Bem Viver no Século XIX:

Eis qual é a vantagem da polidez: à força de representar o papel da generosidade, do desinteresse, da abnegação de si

¹ SILVA, F.L., *Tensões do tempo*. In: BERGSON, P., *Tempo e história*, p. 152.

mesmo, consegue ela inspirar estas qualidades; não é a falsidade que nos faz dissimular nossos defeitos senão a vontade de escondê-los².

A escrita do diário traduz essas regras de sociabilidade, vivenciadas pelo autor e que podem passar despercebidas numa leitura pouco atenta.

A sociedade tem sua gramática com leis nada arbitrárias. Conceitos como polidez, civilidade, cortesia e urbanidade constituem um passaporte para um cavaleiro bem criado.

O autor do diário era um homem que conhecia profundamente bem essa gramática, fora educado em bons colégios no Brasil e no exterior. O pai tomara a si o encargo da instrução dos filhos, o que não era excepcional tendo em vista a importância que ela teria para jovens de família tradicional e que viviam como mostra Norbert Elias em *O Processo Civilizador* (1939), em ambientes onde a etiqueta não era um adereço e sim um instrumento fundamental.

Havia necessidade de um código de civilidade que pode ser visto em alguns momentos como sociabilidade.

O diário faz parte do quadro ou é tecido dentro de “uma determinada sensibilidade ritual, uma maquinaria do cerimonial, cujo resultado, além de uma regulamentação de influências e posições, era o controle e a contenção dos sentimentos e da manifestação de sensações³”.

4.1 A família e o pai

Joaquim de Sampaio Ferraz se ressentira da falta de um lar constituído na medida em que era fruto de um casamento muito infeliz, infeliz a ponto de terminar em separação legal de bens e de compromissos, cabendo ao pai, João Baptista de Sampaio Ferraz, a guarda dos três filhos adolescentes. O divórcio do casal ocorreu na última década do século XIX.

Dona Eliza Vidal Leite Ribeiro era mãe de difícil convivência e de preferências acentuadas, optando pela educação dos filhos em regime de internato no país, e depois da separação, no exterior.

² ROQUETTE J. I., *Código do Bom-Tom ou Regras da civilidade e de bem viver no século*, p. 28.

³ Lilia Schwarcz faz considerações sobre manuais de etiqueta e em especial ao de Roquette, publicado em Portugal em 1845 e que teve vasta aceitação no Brasil Imperial e mesmo depois.

A família foi separada logo cedo. Joaquim foi para a Inglaterra, Mário, Bélgica e Silvia, França. O pai visitava-os no período de férias e recebeu-os de volta em casa alugada mobiliada, provisória como parecia ser a vida em família, sempre em grandes mudanças, deslocamentos e viagens demoradas ao exterior.

Os primeiros diários são exatamente desse período de vida solitária, vivida quase sempre no estrangeiro, em que utiliza o inglês para se expressar, e que demonstra melancolia, que esteve presente ao longo de sua vida sob diversos rótulos: neurastenia, doença dos nervos, taquicardia.

A opção pelo uso da língua inglesa perdura por quase uma década e aparece esparsamente, quase sempre em situações de crise.

O self foi marcado por valores da elite intelectual inglesa, com quem conviveu e com os modelos de sociabilidade bem próprios dos brasileiros do seu tempo, e, sobretudo, do tempo de seu pai, modelo para sua vida.

Uma das intenções do diário foi registrar a sua visão sobre os acontecimentos ligados à sua família. A visão de Sampaio Ferraz sobre ela se aproxima da definição, a esse respeito dada por Michelle Perrot:

“A Família é um ser moral que se diz, se pensa e se representa como um todo. Percorrem-na fluxos que conservam sua unidade: o sangue, o dinheiro, os sentimentos, os segredos, a memória⁴”.

A família é sentida por Sampaio Ferraz, como rede de pessoas e conjunto de bens, é um nome, um sangue, um patrimônio material e simbólico, herdado e transmitido.

Família (ascendentes, descendentes), amigos, companheiros de profissão, médicos e empregados domésticos podem ser acompanhados durante décadas. Podemos perceber momentos de aproximação e momentos de esgarçamento das relações, mais visíveis no trato com a mulher Luluzinha e alguns outros parentes.

⁴ PERROT, M., *A vida em família*. In: PERROT, M. (Org.), *História da vida privada*, v. 4, p. 187.

4.2 O pai



Figura 14 - Retrato de João Baptista de Sampaio Ferraz

A figura paterna (figura 14) sobressai desde o início de suas anotações como o exemplo a ser seguido, o modelo a ser copiado, acima de qualquer suspeita ou crítica.

João Batista de Sampaio Ferraz era um homem com projeção nacional, nascido em Campinas, no interior da Província de São Paulo, formara-se em advocacia e logo se distinguira nas lutas políticas republicanas. Havia assinado a Convenção de Itu⁵ e desenvolvera-se na Promotoria Pública, destacando-se pelo

⁵ Em dezembro de 1870 surge no Rio de Janeiro o jornal *A República*, que publica o *Manifesto Republicano*, texto de referência para os republicanos brasileiros. Defende o federalismo em oposição ao unitarismo do Império, prega o fim da união Estado - Igreja e do Senado vitalício. Essas idéias ganham força em Províncias importantes, como São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul, onde são formados partidos republicanos regionais, uma novidade frente aos partidos até então constituídos, de caráter nacional.

João Tibiriçá Piratininga e José Vasconcelos de Almeida Prado, ricos fazendeiros da região de Itu, em São Paulo, e adeptos do liberal-republicanismo, dão início ao processo de organização do Partido Republicano Paulista. Convocam a Convenção de Itu, em 18 de abril de 1873, com 133 convencionais – 78 fazendeiros, 12 negociantes, 10 advogados, 8 médicos e 25 de outras profissões – e fundam o PRP, em 1º de julho, num congresso de delegados eleitos em 29 municípios. Dominado pelos grandes cafeicultores do oeste paulista, o PRP não se define sobre a abolição da escravatura até 1887.

dom da palavra e da erudição. Era um homem enérgico, de grande coragem pessoal, propagandista da causa republicana desde o primeiro momento. Foi escolhido como chefe de Polícia do Rio de Janeiro durante o governo provisório da República, em 1890. Tinha especial apreço pela Inglaterra, onde iria buscar subsídios na Scotland Yard para enriquecer a elaboração de um relatório sobre delito, código penal e organização policial, no final do século XIX. Trechos deste relatório são bastante reveladores da sua maneira de pensar:

Hoje se lamenta Galileu e Giordano Bruno para se reconhecer que a Terra é apenas um planeta secundário do nosso sistema solar – movendo-se no seio dos espaços infintos em face de outras constelações sem número, prodigiosamente maiores e mais importantes.

Na biologia, desde a concepção fantasista da matéria criada, da fixidez das espécies com a interferência do sobrenatural até a explicação positiva da antropologia, atestando que o homem é apenas um elo na cadeia interminável dos seres vivos – regulando-se na sua existência conforme as leis de sua organização; até a verificação de que ele está passivamente submetido às leis gerais da influência física; desde a formação dos mundos pela vontade de Deus, do milagre atestado pelas religiões até o determinismo reconhecido pela fisiologia que teve em Huxley e Claude Bernard os seus grandes mestres; desde a concepção de uma gênese engendrada por um poder misterioso concentrado nas mãos de um ente superior, até o transformismo de Lamarck, generalizado por Darwin nas leis da luta pela vida e da seleção natural, tudo indica que o espírito humano caminha firme e resoluto, e que, pouco a pouco, do seio da própria Natureza irão saindo as soluções para todos os problemas julgados inexplicáveis... Stuart Mill perscrutador dos fenômenos econômicos, não vacila em aplicar às ciências morais o método positivo que prende as sociedades ao desenvolvimento imposto pelas condições meramente fisiológicas que atuam sobre o homem.

Nas próprias relações de governo entre os povos, aí estão as estruturas democráticas, as libertações das raças oprimidas, as grandes conquistas do bem e do altruísmo, demonstrando o avanço da civilização, com as vitórias obtidas nos domínios da ciência política, o sufrágio universal, a representação das minorias parlamentares e essa numerosa seriação dos postulados modernos⁶.

Era um homem impregnado pelas idéias do seu tempo, pela ideologia do progresso, pelo positivismo e cientificismo; idéias e ideais que certamente contribuíram para a formação do filho.

⁶ Trecho do texto introdutório do relatório apresentado por Sampaio Ferraz ao governo do Estado de São Paulo. FERRAZ J.B., *Do delito, código penal e organização policial na Inglaterra*. In: *Separata da revista do arquivo municipal*, nº CXXVI.

Contemporâneo de Joaquim Nabuco, Sampaio Ferraz compartilhava com ele as idéias liberais, embora o primeiro preferisse o sistema monárquico, e o segundo fosse um propagandista das idéias republicanas.

Joaquim Nabuco, como Sampaio Ferraz, possuía grande apreço pela Inglaterra, tendo visitado por algumas vezes os Estados Unidos. Eles tinham em comum uma observação global do mundo e do tempo em que viveram:

Sou antes um espectador do meu século do que do meu país; a peça é para mim a civilização, e se está representando em todos os teatros da humanidade, ligados hoje pelo telégrafo. Uma afeição maior, um interesse mais próximo, uma ligação mais íntima, faz com que a cena, quando se passa no Brasil, tenha para mim importância especial, mas isto não se confunde com a pura emoção intelectual; é um prazer ou uma dor, por assim dizer doméstica, que interessa o coração; não é um grande espetáculo, que prende e domina a inteligência⁷.

João Batista é um pai interessado, a ponto de assumir a guarda dos filhos após o processo incomum do divórcio⁸ com D. Eliza Vidal Leite Ribeiro, filha do Barão de Itamaramdiba, titular de prestígio do Império.

Há um tom cerimonioso, no diário, nas referências feitas ao pai e mais que respeito, um certo temor em contrariá-lo. No primeiro volume, ele recém-chegado da Inglaterra, mora com o pai em casa de dois andares, alugada na rua São Salvador nº 2, no bairro do Catete. O irmão Mário também mora com eles, no que ele denominou *home*. Discretamente informa que o pai não dormiu em casa ou que chegou muito tarde. Após o divórcio, o pai não tornou a casar-se, mas teve algumas relações extraconjugais e um filho natural. Há sempre referências ao Hugo, meio irmão que freqüentou sempre a casa de Joaquim, mas pouca ou nenhuma informação sobre as mulheres que povoaram a vida do pai. Muitas pessoas freqüentam e compartilham do ambiente doméstico.

A mãe morava sozinha em hotel ou pensão, nunca quis morar com os filhos nem mesmo quando ainda estava casada, preferiu interná-los e concordou, após o divórcio, em passar para o pai a guarda dos filhos.

A busca incessante de Joaquim pelo carinho da mãe aparece desde os dezoito anos e vai se estender por toda a vida. Não há a menor ressonância para com o seu devotamento filial, os pequenos favores que prestava indo ao escritório

⁷ NABUCO, J., *Minha formação*, p.28.

⁸ Michelle Perrot em, *Dramas e conflitos familiares*, informa que o divórcio na França, por volta dos anos 1880, corresponde à treze por mil casamentos.

do Barão de Santa Margarida, seu tio materno, para apanhar dinheiro para D.Eliza ou outras encomendas, caíam no vazio. Ela se manteve sempre distante e cheia de preferências e favoritismos para com o filho Mário e a filha Silvia.

No início de 1900, a rede de sociabilidade é quase que restrita aos familiares, e, quando viajou para São Paulo, foi visitar a fazenda da Serra, de Evaristo Galvão, casado com Béliça, uma tia paterna, em Itu.

Em março, o pai aceitou o convite para abrir em New York um escritório de negócios de café; exportação do produto de seus parentes e conterrâneos para mercados americanos. João Batista de Sampaio Ferraz já conhecia bem aquele país tendo advogado várias vezes em Baltimore, Boston, Filadélfia, entre outros.

Sem nenhum outro comentário, Joaquim narrou que se mudaram para o hotel de França para aguardar o embarque. A viagem foi triangular, Rio, Europa (Lisboa e Londres) e daí para os Estados Unidos (New York e Chicago). Durante a permanência em Londres, há referências a antigas amizades feitas no período em que estivera em Bristol (Merchant Venturer's Technical College – 1896-1899) e referências a um incidente com o pai que os levou a perder o navio para os Estados Unidos.

A permanência de quase três anos fora do Brasil fez de Joaquim um rapaz solitário e retraído e poucos contatos com a família. As correspondências para a mãe eram, muitas vezes, para lhe pedir dinheiro. O grande amigo foi Fernando Paes Leme, amigo para toda a vida, como já dissemos no capítulo anterior.

Faleceu às duas e meia da manhã. A hora que escrevia nesse diário, ontem, já havia morrido (*retificação posterior*) o meu grande companheiro de mocidade, dos tempos de nossa estadia em Chicago, nosso padrinho de casamento (...) Separados por muitos anos, o Fernando na Oeste de Minas, tivemos aventura demais juntos, quando fixou residência no Leme. Foram seis anos aproximadamente de velha camaradagem. Foi um bom e doce amigo, ímpoluto e digno chefe idolatrado de família unida e exemplar.

Depois do meu pai fora meu maior amigo. Ele me queria muito e me enchia de carinho, é o que me conforta. Passei mal o dia, muito acabrunhado⁹.

De volta ao Brasil, Sampaio Ferraz foi trabalhar no porto do Rio de Janeiro como engenheiro auxiliar C.H.Walker & Cia. (1904-1907). Durante este período, ele se casa com Maria Luiza em 5 de maio de 1905 e vai morar com os sogros

⁹ Diário de Joaquim Sampaio Ferraz, de 1960.

Alberto e D. Lulu Guimarães. Ainda neste ano nasce a primogênita Helena, em 24 de dezembro de 1905.

No ano de 1907, ele relaciona as cartas de apresentação, feitas na busca de uma colocação profissional. É uma espécie de livro de assentos relativo a providências tomadas, onde ficam evidenciadas as redes de sociabilidade ligadas ao pai e ao sogro.

Após uma permanência relativamente breve em Belém, num trabalho ligado ao porto, a família volta ao Rio, morando na casa do sogro por longa temporada quando procurou uma nova ocupação dessa feita no Serviço Público.

O pai recorreu aos amigos, parentes e correligionários políticos para obter-lhe um emprego no Observatório Nacional; assistente de segunda classe de meteorologia. Campos Salles, amigo de João Batista, pede ao então Ministro da Agricultura, Rodolfo Miranda, para empregar Joaquim num serviço novo, ainda que inadequado à formação do solicitante.

Segundo Alain Corbin: “A amplitude do apadrinhamento, do sistema de recomendação, em suma, o peso das relações e o intrincado das estratégias familiares contém por muito tempo a ascensão de uma democracia que, mesmo depois do triunfo da República, continuara mitigada¹⁰”.

Esse é um aspecto que o diário explicita com clareza ao longo de toda a vida de Joaquim.

O pai é a figura mais importante de sua rede de sociabilidade e há grande proximidade, admiração e respeito na sua relação. Por ocasião de sua morte Joaquim fez detalhada descrição:

Quatro de março de 1920; Morreu o meu querido Pai. Havia tempo que Papai se queixava de fortes dores anginosas. Domingo passado quando aqui estive, à noite, ainda se referia a essas dores. Luluzinha e Helena convidaram-no para ir ao cinema. Ele não quis ir alegando estar cansado e com as tais dores. As 8h10 procurou-me o Sr..., filho do velho cego, chefe da família da casa da pensão onde há mais de ano morava o pobre velho. Previniu-me que Papai passava mal e que me chamava a sua presença. Vesti-me e para lá corri com Luluzinha. Desgraçadamente encontrei o meu querido Pai morto; havia morrido as 8:30 hrs e eu chegara às 8:40 hrs. Conforme me contaram na pensão (rua. Correia Dutra n 160), Papai jantara bem, mas às 7:30 hrs tinha subido para seu quarto e logo desceu de

¹⁰ CORBIN, S., *O segredo do indivíduo*. In: PERROT, M. (Org.), *História da vida privada*, v. 4, p. 460.

novo, queixara-se de falta de ar e muito mal estar. Chamou o Sr... e pouco depois a Assistência cujo médico Dr.Prado o deu por perdido. Às 8:30 morria suavemente, tendo proferido essas ultimas palavras “Assim morre o Sampaio Ferraz”. O Dr. Prado atribui o falecimento a um edema agudo do pulmão. O Dr. Teixeira de Souza no dia seguinte me disse que Papai devia de ter morrido de uma *angina pectoris* e não de edema do pulmão. Vestindo-o, eu, Hugo o Sr... e o Arthur. Papai morreu na cadeira de balanço da sala de jantar, onde ficou até ser vestido. Colocou-se o seu corpo, de casaca, sobre uma mesa, numa ante-sala, logo depois da sala de entrada. Fui à casa de Mamãe, mas não a consegui acordar. Fui avisar o Eloy e depois fui à casa de Sr.Guimarães. Voltei para junto do corpo as 11 hrs da noite. Às quatro da manhã vim a minha casa mudar de roupa com a Luluzinha. Às 6:30 procurei Mamãe para comunicar o horroroso acontecimento e pedir-lhe recursos para o enterro. Prontamente me deu três contos de reis. Toda manhã, até 11:30 hrs, dei uma porção de passos relativos ao enterramento. Almocei em casa. Pouco depois do meio dia, eu, Lula, Carmem e D. Biluca voltamos para junto do corpo. Passei muito mal com cólicas secas, todo o dia. Às 5 hrs em ponto saía o enterro. Vide retalhos de jornais, sobre o enterramento.

Meus filhos, ao lerem estas notas sobre a morte de seu avô, lembrem-se que o seu pai muito sentiu a perda do progenitor e do amigo ambos exemplares. O seu avô foi um íntegro, um raríssimo caráter, e um pai extremoso. Sigam o seu exemplo; como político, lerão na história de seus feitos e de sua inestimável honestidade¹¹.

Algumas considerações precisam ser feitas sobre esta página do diário:

A preocupação imensa em controlar o tempo, em precisar as horas num dia em que o tempo parece sempre ter outra medida: “às 5 horas em ponto saiu o enterro”. A meticulosidade com o diagnóstico da *causa mortis*; a permanente falta de recursos que o obriga a recorrer à mãe, que prontamente fornece três contos de reis; a existência de diversas formas de arquivamento dos acontecimentos, retalhos de jornal com as notícias do enterro.

Havia a preocupação em deixar o fato registrado para ser lido mais tarde, o seu sentimento e o exemplo deixado pelo pai.

É evidente a dificuldade de se relacionar com terceiros, demonstrada pelo não conhecimento do nome do Sr. da pensão onde morava o pai há mais de ano e que tomou muitas providências na hora da morte de João Batista.

¹¹ Esta página do diário de março de 1920 dá importantes informações sobre os objetivos do autor de ser lido futuramente. Na identificação de alguns personagens aparecem: Eloy Guaycurú de Sampaio Góes, irmão do morto; Hugo, seu filho gerado fora do casamento, e Carmem Kastrup, grande amiga e madrinha da filha caçula, Carmem Maria.

A partir daí e por toda vida ele iria se referir à imensa perda do pai e amigo desaparecido aos 63 anos de idade.

4.3

A mãe e os irmãos

As relações com a mãe foram sempre tensas, conturbadas e insatisfatórias. D. Eliza desenvolvera uma atitude de repulsa para com ele e seus familiares levando a rompimentos sucessivos e a fazer um testamento em 1935 no qual foi deserdado por ela. Após a sua morte, procurou anular judicialmente este testamento que desconhecia até a sua abertura:

Soube por Silvia que a velha deserdou-me em seu testamento. Somente nesta data (23 de Fevereiro de 1951) tomei conhecimento desse testamento... Mandeí ao Nelson de Almeida¹² lista de testemunhas que poderão atestar insanidade moral da velha, e outras que atestam o meu procedimento exemplar, entre 1905 e 1946, enquanto no Rio, sempre sob os meus cuidados quando doente.

A mãe morreu no início de 1951 em São Paulo e ele se deslocou para assisti-la, chegando após a sua morte.

Chegamos a São Paulo com grande atraso – só as 11:30. Branca e as crianças nos aguardavam na estação. Só então soube que Mamãe havia falecido, na véspera, às 22:00. Morreu no Hospital Oswaldo Cruz, onde se achava desde o dia 7. O enterro estava marcado para 13hrs. Mal tive tempo para comer alguma coisa (café e pão) e seguir para o necrotério do Hospital. Mamãe foi enterrada no jazigo perpétuo de Lourdes e Humberto. Os jornais não deram notícias hoje de seu enterro, comparecendo pequeno número de pessoas. O Mário não compareceu ao Hospital nem foi ao enterro, dando-se por doente.

A relação com o irmão foi também bastante conflituosa e distante, apenas a irmã se manteve sempre amiga. A mãe preferiu os dois por terem se mantidos sempre partidários dela e favorecidos por benefícios materiais. Joaquim tomou sempre o partido do pai, e foi penalizado por isto.

O dono do diário é homem reservado e mesmo retraído, só procurando contactos quando viaja com a família para o exterior. Nestas ocasiões procura os representantes do Itamaraty, agentes bancários brasileiros que viajam no mesmo

¹² Dr. Nelson de Almeida foi contratado para mover ação judicial de anulação do inventario deixado por D. Eliza.

navio e ou as donas das pensões onde ficam hospedados criando assim uma rede de solidariedade para sua família.

Como permaneciam longas temporadas nos locais visitados, como em Paris e em Londres, fazem programas com as pessoas dos locais onde se hospedam ou com quem Joaquim trabalhou.

4.4 Os amigos

No Brasil ele estabeleceu pequena mas consistente rede de relações profissionais que ultrapassou o tempo do serviço público e se manteve por muitos anos. Há referências a estes amigos nos festejos de seu aniversário, quando é sempre lembrado e homenageado.

28 de Novembro de 1934 – Meu 52º aniversário. Presenteado por amigos da Meteorologia com jogo de carteiras de foca. Visitado pelas pessoas habituais. A Dedê e Haydée fecharam um negocio sobre a mobília da sala de jantar da última, ficando a mobília antiga da casa de Dedê para a nossa casa. Pelas contas que fizeram ambas fazem o presente.

28 de Novembro de 1940 – Meu 58º aniversário. Presentes recebidos: De Lula [sua mulher] juntamente com Mário – o livro do Wells e Huxley, *The Science of Life*. De Mario e Emita – uma carteira para dinheiro. De Helena, um pincel de barba, de Tatá, duas gravatas, de Haydée, um par de sapatos Cadillac, de Solange (!) uma gravata, do Bitá, o livro *Viagem ao Brasil do Príncipe Maximiliano* (tradução), de Dedê e Enrique, um anel com o brasão de família (sinete)¹³. Dos amigos da Meteorologia, um jogo de taças de xarão e bandeja. Dr. Miller esteve pela manhã. A Haydée, Solange e Natália passaram a tarde comigo. Natália me trouxe umas balas feitas por ela. À tardinha apareceram Celina, Alsina, Iara, Marina e Diva¹⁴. Antes das 7 horas da noite compareceram todos os filhos.

¹³ O anel foi usado sempre e o mote da família valorizado: Sincero e Firme.

¹⁴ Os amigos da Meteorologia apareceram mesmo já tendo se passado uma década de aposentadoria.



Figura 15 – aniversário de 70 anos comemorado em Resende



Figura 16 – aniversário de 82 anos

O aniversário foi sempre lembrado (figuras 15 e 16) e as manifestações de apreço muito valorizadas, talvez uma compensação dos anos da infância e juventude quando a solidão tinha sido a única companheira. O acompanhamento, no diário, das comemorações ao longo dos anos é bastante revelador na medida em que nenhuma outra data é festejada pela família, nem o aniversário da mulher Luluzinha, nem mesmo o Natal. Ele cultivou a celebração de sua data natalícia, muito embora não houvesse nada preparado para oferecer aos convidados. Em algumas poucas ocasiões aceitou que os filhos fizessem as comemorações em suas casas.

Anotou sempre quem telefonava, que presentes recebia, quem vinha homenageá-lo.

28 de Novembro de 1947 – Meu 65º aniversário. O que mais me admiro é atingi-lo. Enfim, e vai se andando. Felizmente nunca me falta disposição para o trabalho. E enquanto estou por aqui, vou tendo o prazer do seio da família. Ainda hoje tive a enorme satisfação de ver todos os filhos reunidos. Henriquinho e Tatá chegaram de avião, pela manhã hospedando-se conosco. Depois do almoço saíram. Telefonaram-me: Ninita, Lelia, Carmen e Luiz, Armênio, D.Nenê, Dr. Nelson Rego e D. Lair, de São Paulo Cora, Branca, Marina (ex-subalterna e boa amiguinha) D. Esther, Mariota. Recebi telegrama de Sergio e Perico. Telefonaram-me muitos parentes e amigos. À tarde visitaram-me apenas Dr.Miller e D.Esther. À noite compareceram todos.

D. Esther era uma amiga do tempo da repartição pública a quem ele se referira sempre com carinho, valorizando sua competência como bibliotecária. No prefácio da primeira edição de seu livro *Meteorologia Brasileira*, ele agradece o seu apoio; “À digna encarregada dessa dependência (biblioteca), D.Esther Rezende, não sabemos como lhe fazer sentir a nossa gratidão; com paciência e zelo inexcedíveis, foi ela, incontestavelmente, a nossa maior coadjuvante”.

Já no final da vida descreve seu 80º aniversário da seguinte forma:

Haydée veio buscar-me com o George para a missa na capela de São José, rezada em ação de graças pelo meu 80º aniversário. Lá compareceram de São Paulo: Eduardinho e Isabel, e o Rinaldi. Do Rio: Memeno, Hermínia, Beatriz, D. Elza, D. Maria Luiza, todos os filhos, genros, noras, netos e bisnetos.

Da capela seguimos para o apartamento da Haydée onde se realizou, com grande êxito, o cock-tail em minha honra, festa que me encheu de satisfação – com todos da família. Fui muito presenteado por filhos e netos.

Cantaram impressionante Happy Birthday to You, que me trouxe lágrimas aos olhos¹⁵.

Os amigos são poucos, mas a rede de sociabilidade familiar é aumentada com a inclusão dos parentes de Henrique Bastos Filho, segundo marido de sua filha caçula Carmem. São os amigos de São Paulo que freqüentam sua casa no Rio e fazem parte de seu universo de relações quando vai à capital paulista, durante longo período, por conta do trabalho desenvolvido para a Light. Entre eles, se destacam D. Branca Malta, irmã de Henrique Bastos Filho, a quem devotou especial atenção, seus filhos, Cora e Hildeu Malta, sua irmã Henriqueta Bastos Thompson, e os amigos Dr. Nelson Rego, casado com Lair, e Dr. Cícero Monteiro de Barros, filho adotivo do casal Henrique Bastos e Cândida.

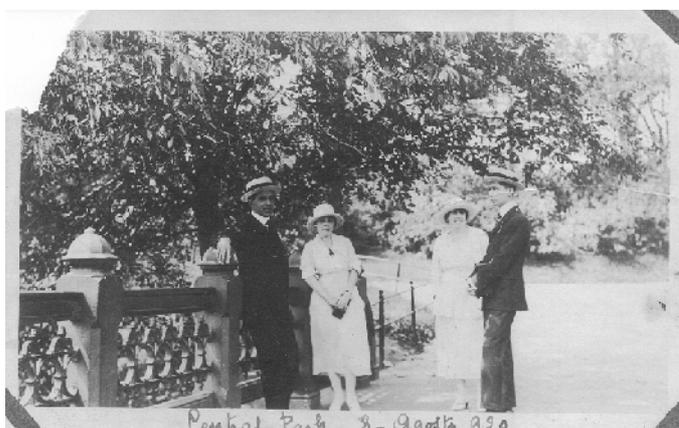


Figura 17 – Central Park, New York, 1920

Havia conhecido Dr. Nelson Malta e sua esposa, D. Branca, nos Estados Unidos (figura 17) e reataram a antiga amizade quando a filha Carmem casou-se com Júlio Havelange e foi morar em São Paulo. D. Branca apoiou-a e se reaproximou do casal. Foi por seu intermédio que Carmem conheceu seu segundo marido, Henrique Bastos Filho, tornando-se cunhada da antiga companheira de viagem dos pais.

¹⁵ O 80º aniversário foi festejado em 1962, na casa de Haydée, na Praça Eugenio Jardim 34, apt. 502, Rio. Ela já havia oferecido um grande almoço comemorativo dos 70 anos em Resende, na fazenda do Castelo, da propriedade de seu marido, Doliva Marcondes Godoy.

De 30 de Setembro a 22 de outubro de 1941 em São Paulo. Ficamos muito satisfeitos com a pensão. A nossa vida se passou quase toda na casa da Branca. Esta amiga, na sua viuvez, dedicava-se a mim como outrora se dedicava minha mulher, o que desta há muito não recebo, dela ganho. Infelizmente estamos separados por distância e convenções. Sem o desejar, incluiu-me para quem procura suavizar a minha triste velhice. Ainda uma vez Branca mostrou o quanto quer bem ao seu amigo, desinteressadamente.

O diário registra com frequência a correspondência trocada entre eles assim como os telefonemas regulares entre Rio e São Paulo. A correspondência foi sempre o seu forte. Escrevia para parentes, amigos e para a comunidade científica, embora não haja como resgatar toda esta documentação perdida. Sampaio Ferraz viveu por escrito, procurou reter, através da escrita, a vida nas malhas do tempo.

4.5 Os empregados domésticos e vizinhos

Os empregados domésticos, ou os serviçais, como ele os intitulava, constroem uma rede em torno da família: primeiro os da casa do sogro onde moraram os primeiros anos; depois, os que acompanharam a Europa em 1913, ajudando-os numa vida assoberbada pelo trabalho e pelas crianças já numerosas (quatro: Helena, Heloisa, Alberto e Haydée); e os da maturidade e velhice.

Para além da parentela, há um terceiro círculo: os empregados domésticos e a vizinhança, ambos ilustrando claramente a diferenciação espacial no cenário privado. Há, porém, um traço em comum: nos dois casos, têm-se a consciência de um limite, e até de um perigo. Segundo Michelle Perrot, “os criados e os vizinhos servem e ajudam a família, mas sua presença e observação constroem e ameaçam a intimidade. Convém utilizar seus serviços, mas ao mesmo tempo desconfiar deles¹⁶”.

No período de Bruxelas o diário se refere a uma cozinheira e de forma nada recomendável. “Set 8. Pusemos para fora a nossa cozinheira Elizabeth – velha solteirona levada do diabo. As criadas de um modo geral são solteiras e em tese não devem ter amantes, maridos ou filhos daí a curiosidade sobre o significado do *levada do diabo...*”.

De todas as referências que o diário faz aos empregados domésticos, destaca-se a figura ímpar de Natália de Freitas, moça sergipana que entrara para

¹⁶ PERROT, M., *Os atores, a vida em família*. In: PERROT, M. (Org.), *História da vida privada*.

casa dos sogros por ocasião do nascimento de Haydée, tornando-se sua ama por longa temporada. Foi a companheira incansável em Bruxelas, ficando sozinha com as crianças quando o casal precisou se ausentar para pequenas viagens de trabalho ou passeio. Durante oito anos foi a dedicada auxiliar na labuta com as crianças que agora já eram seis quando ela os deixou (18 de janeiro de 1920).

Em 8 de maio de 1940, o diário registrou uma viagem de Joaquim a Santos para procurá-la: “Eu e Lula procuramos a Natália com uma proposta de Haydée. Endereço de Natália – 415 Rua Bernardino de Campos (Santos). Natália apenas mudou no que os anos reclamam – cabelos ralos e grisalhos, mas está gorda e mantém a mesma fisionomia de 20 anos atrás”.

A proposta era para ela ficar alguns meses com a criança que Haydée estava esperando e que nasceria em setembro, Solange.

30 de setembro de 1940 – “Natália chegou hoje de manhã de São Paulo. Amanhã entrará de serviço. Luluzinha irá buscá-la na rua Barão de Guaratiba 108, onde se acha”.

Natália veio e ficou por 21 anos...

Em carta escrita para a neta Solange, quando esta tinha apenas três meses, Joaquim deixava transparecer o seu carinho e reconhecimento por Natália ao afirmar:

É para te dizer que sentimos a tua falta com a ausência do teu sorriso e dos acenos de teus bracinhos...

É também para te dizer como deves estar feliz ao lado de tua Mãe, de teus tios e primos, mas, sobretudo, ainda que temporariamente, a sombra do trato solícito, brando e carinhoso de tua primeira ama, a mesma que, com iguais virtudes, criara a tua Mãe... e como!

Sussurro aos teus ouvidos, ainda fechados à compreensão, mas abertos, como os olhos teus, à intuição e à linguagem do amor puro e desinteressado – guarde bem no coração a imagem dela. A memória de tal dedicação será a inspiração de tua vida.

Os vizinhos foram vistos muitas vezes como ameaça à privacidade, apenas Carmen Kastrup comungou da intimidade da família, estando presente na hora dos nascimentos e da morte. Foi amiga e companheira do casal.

21 de Fev. 1916 – Nasceu Mário às 7:50 da manhã. Luluzinha começou a perder as águas às 5:00 da madrugada. Às 7hrs chegava o Dr. Emydio Cabral (assistente da Maternidade) parteiro indicado pelo Fernando (Magalhães), seu chefe. O parto foi o mais feliz dos que Luluzinha tenha tido. Uma maravilha! A Carmen Kastrup esteve presente e ajudou muito em tudo. Papai esteve à noite.

4.6 Os Rocha Miranda

A família Rocha Miranda constitui um ponto especial na rede de sociabilidade e solidariedade especial, rede de acolhida e aliança. Eram parentes de Luluzinha na medida em que seu pai Alberto Fonseca Guimarães era irmão de Albertina, casada com o Dr. Luiz da Rocha Miranda. Construíram sólida amizade cujos laços resistem após quatro gerações.

A dificuldade financeira para prover o sustento de família numerosa fez com que Joaquim recorresse à família Rocha Miranda para obter empréstimos, empregos para ele e para os filhos e educação para os afilhados. (Helena, a primogênita, era afilhada e sobrinha de Sr. Luiz da Rocha Miranda e de sua mulher D.Nenê, e de Haydée, eram padrinhos, Otavio da Rocha Miranda e Lulú . Ele era filho do primeiro casal).

O diário relata minuciosamente o convite aceito por Sampaio Ferraz para trabalhar em uma fábrica da família em Carambola. E relata também a entrada dos dois filhos, com menos de dezoito anos, para empresas do mesmo grupo. Atesta a presença constante destes parentes, nas celebrações e nos momentos de crise, sobretudo quando se desligou do serviço público e precisou contar com uma moradia que ocuparia por trinta e três anos, à rua Alberto de Campos 106, em Ipanema¹⁷.

4.7 Os médicos ligados à meteorologia interna da alma

A rede de sociabilidade ligada à grande e variada equipe de médicos que os assistiu é reveladora da importância dada ao acompanhamento em momentos de doença e da frequência com que eram chamados, ainda que para isto fosse necessário contrair dívidas para os pagamentos.

¹⁷ A partir daí, Joaquim passa a trabalhar em casa, construindo um escritório externo em cima da garagem. Essa disposição faz com que o espaço público e o privado muitas vezes se confundam. Sair para o trabalho significa deixar o corpo principal da casa e, subindo uma escada externa, chegar ao escritório. As visitas profissionais ou da família podem ocorrer nos dois espaços. Já havia acontecido anteriormente a coincidência dos espaços privado e público, quando a família morou na Torre de Meteorologia, junto ao Museu Histórico Nacional. Naquele período, a repartição ocupava um andar e a moradia, o outro.

Os partos dos sete filhos são descritos minuciosamente, sempre com a presença do médico ou da parteira, e sempre com o acompanhamento interessado de Joaquim. Ocorrem em casa, no quarto do casal.

O nascimento é um ato rigorosamente privado e feminino, inclusive enquanto objeto de relato e de memória, tema incansável das conversas entre as mulheres. O aposento comum, ou no máximo o quarto do casal, é o teatro em que ele se desenrola, do qual estão excluídos os homens, à ressalva do médico, que, com a medicalização do parto, passa a ser uma presença cada vez mais assídua à cabeceira da clientela abastada... Dar à luz no hospital é sinal de pobreza, e principalmente de vergonha e solidão, para lá vão as mães solteiras, que se dirigem à cidade para dar luz, antes de sofrerem um eventual abandono... Só se efetivará uma mudança no entreguerras, e mesmo assim tímida, a princípio em Paris e nos meios mais evoluídos, preocupados em evitar um índice de natimortos dos mais altos da Europa¹⁸.

A afirmativa é de Michelle Perrot referindo-se à realidade da França, mas não da nossa.

A doença das crianças próprias de sua idade ou não, a gripe espanhola, os achaques da família ocupam parte das páginas do diário.

O interesse não se limita ao círculo restrito da casa paterna, mas vai se expandindo chegando a assumir a orientação do tratamento de genros e noras e, mais tarde, de todos os netos.

Fernando Magalhães, Miguel Couto, Fábio Carneiro de Mendonça, Juliano Moreira, Aduino Botelho, Salles Guerra, Emydio Cabral, Agenor Porto, Lourenço Jorge, Fernando Paulino, Nelson Cotrim e Cruz Lima são nomes que aparecem com frequência no diário; são nomes que serão consagrados no futuro, mas que apontam para um atendimento médico bastante individualizado.

A qualquer problema mais de um médico é chamado, são tecidas considerações sobre o diagnóstico e prescrições feitas e nem sempre seguidas.

Os relatos mais contundentes são os de seus longos períodos de insônia, angústias, ansiedade, desânimo, estafa, depressão. As causas buscadas são sempre físicas e, como tal, devem ser tratadas: duchas escocesas, injeções fortificantes e outras mais.

Ele jamais relacionou suas doenças psíquicas às grandes crises existenciais, como foi o caso do *grande mal*, como ele denominou no período em que

¹⁸ PERROT, M., *Figuras e papéis*. In: PERROT, M. (Org.), *História da vida privada*, v. 4, p. 152.

trabalhou tentando equilibrar o funcionamento da fábrica de Carambola. A segunda grande crise o levou a uma internação na Casa da Gávea por ocasião do seu pedido de aposentadoria.

Também não identificou, em momento algum, o motivo da crise prolongada de angina pectoris, diagnosticada, mas nunca comprovada, após ter tomado conhecimento do teor do testamento deixado pela mãe que o deseritava.

Todos esses dados remetem para algo maior e mais profundo que foi conceituado por Corbin como cenestesia interna ou meteorologia interna da alma. “Deve-se entendê-la como uma percepção interior do corpo, ou melhor, o conjunto das sensações orgânicas, cuja tradução no comportamento, segundo Cabanis, constitui os instintos¹⁹”. Poderíamos definir cenestesia como as impressões sensoriais internas do organismo que formam a base das sensações; ou ainda como a sensação que o indivíduo experimenta, consciente de sua existência.

Ao longo de todo o século, os especialistas mostraram-se convencidos da extrema influência de um inconsciente, percebido como “obscuro rumor das funções viscerais, de onde emergem, intermitentemente, os atos de consciência” (Jean Starobinski²⁰). A personalidade aflora já completamente armada de dentro deste inconsciente. O gênio de Freud não estará absolutamente em descobrir que vastas zonas do sujeito escapam à consciência e contribuem para determinar a atividade mental, mas em arrebatá-la à vida orgânica o monopólio do inconsciente para instalá-lo no próprio aparelho psíquico.

A importância então atribuída à cenestesia valoriza um certo modo de escuta do corpo, que não é nossa. Inspirado pela persistência de um neo-hipocratismo vulgarizado, que enfatiza os efeitos do ar, da água e da temperatura, o indivíduo espregueia a influência do tempo e da estação sobre a facilidade e o ritmo da respiração, sobre a intensidade do reumatismo ou a estabilidade do humor, desta forma desenvolve-se uma espécie de meteorologia interna da *alma*. Empreende-se igualmente uma atenta escuta do desenvolvimento das funções orgânicas e suas repercussões no plano mental, vigilância permanente que privilegia a análise da fisiologia digestiva e do ciclo menstrual, perturbado pela frequência de disenterias e doenças ginecológicas. Esta vigília baseia-se na doutrina dos temperamentos – Bilioso, linfático, sangüíneo, nervoso – cuja persistência e adaptação permanentes Théodore Zeldin²¹ demonstra, com razão, a despeito da teoria dos humores ter caído em descrédito.

Constrói-se assim, no cotidiano, um grosseiro sistema de imagens da saúde física e psíquica, que permite gerar

¹⁹ CABANIS, J., *Michelet, le petre et la femme* Paris, 1978.

²⁰ STAROBINSKI, J., *Brève histoire de la conscience du corps* Revue française de psychanalyse, 1981.

²¹ ZELDIN, T., *Histoire des passions françaises, 1848-1945*, v.1.

comportamentos individuais, elaborar estratégias com relação aos outros. A leitura de documentos íntimos evidencia que tais preocupações formam a própria textura da vida privada²².

O diário, com todas as informações que privilegiou a respeito da saúde ou da falta dela, significou uma forma de registro da meteorologia interna da alma. Registrar minuciosamente o que se passava consigo mesmo e com os seus era como registrar suas considerações meteorológicas.

Mas vale a pena acrescentar que se poderia admitir como uma outra hipótese a ser desenvolvida, a de ser o diário uma fonte do *saber cotidiano*. Agnes Heller (2002) conceitua de *saber cotidiano* o saber veiculado pelas gerações adultas, transmitido de geração em geração.

No nosso caso, o diário faculta o saber cotidiano de um núcleo familiar, valores explicitamente colocados para serem seguidos, valores que foram perpetuados para as gerações futuras de seus descendentes. Revela também o pensamento destinado a resolver os problemas cotidianos.

O conteúdo do saber cotidiano é a soma dos nossos conhecimentos sobre a realidade que utilizamos efetivamente na vida cotidiana de forma mais heterogênea; existe uma soma mínima de conhecimentos indispensável à sobrevivência do homem, como a língua, os usos elementares, as representações coletivas comuns em seu ambiente. Há modificações sensíveis de geração para geração e o diário nos possibilita perceber valores e registrar mudanças. É certo que o diário reflete um saber cotidiano específico de uma época e de um estrato social. O conhecimento cotidiano é muito mais do que um código de bom tom, e, neste caso do diário, ele perpetua valores de um grupo familiar, transmitidos pelo autor aos seus descendentes. São os valores do passado, muito mais que os contemporâneos, uma vez mudanças vêm ocorrendo com grande velocidade.

As gerações adultas constituem o principal veículo do saber cotidiano. No caso, o diário é um instrumento de veiculação deste saber ainda que voltado para o passado.

Soma-se a este o saber pessoal que surge da necessidade e das experiências pessoais e tem larga abrangência, não se limitando apenas aos limites do autor.

²² Alain Corbin desenvolve a idéia de: meteorologia interna da alma, que usei ao desenvolver o trabalho.

Nesta medida, o diário reflete o saber pessoal do autor e do grupo social ao qual pertence.

Gostaria de ressaltar que Joaquim de Sampaio Ferraz apesar de ter vivido sempre com muitas dificuldades financeiras, de nunca ter tido casa própria ou automóvel, de ter lutado para dar instrução aos filhos numerosos, nunca poupou esforços para pagamentos médicos e boa e cuidada alimentação.

O fato de ter nascido de família abastada por parte da mãe, e de ser o pai um homem que gozava de prestígio social, fez com que ele pensasse a vida com um olhar de homem remediado, que se permitiu sempre que possível viajar, ter acesso a bons entretenimentos e boa biblioteca.

As contas que o preocuparam permanentemente não o levaram a abrir mão de seus livros que o acompanharam desde a juventude.